

“Tudo que eu faço em arte, eu faço na vida”

Entrevista com Cristina Pape¹

Revista Concinnitas: O que destacaria do pensamento poético de Lygia Pape, sua mãe?

Cristina Pape: Acredito que este é o eixo do pensamento poético dela:

“Tudo que eu faço em arte, eu faço na vida” (Lygia Pape, 1979)

O que aprendi, foi fazendo, vendo e arriscando (Cristina Pape)

RC: Como você e Lygia se relacionavam com a ideia de formação em artes?

CP: Não nos relacionávamos com essa questão. Nossos universos eram bem diferentes enquanto professoras, mas concordávamos que ser artista não é algo que se aprenda numa faculdade. A Academia é engessada mas pode ajudar a desenvolver aquilo que você já tem dentro. Cursos livres eram mais bem vistos por ela. Não vejo, quando olho para trás, Lygia preocupada com educação, no sentido formal. Ela deu aulas na USU e na EBA e as aulas não preenchiam sua vida. Ela dava aulas. Quando descobria um bom estudante, abria espaço e seguiam juntos como artistas.

Minha postura, mesmo não acreditando que a faculdade crie artistas, é jamais dizer que o trabalho de qualquer estudante está ruim e/ou precisa ser melhorado. Pelo contrário, trabalho com respeito com o que me é apresentado e busco o que tem de bom e desenvolvo com o estudante. Isso dá auto confiança e alegria de trabalhar. Estudante não deve ser paparicado, mas deve ser respeitado e meu papel é ajudar a caminhar. Esta era uma enorme diferença entre nós duas, porque ela extremamente crítica.

RC: De que modo as proposições poéticas se expandiam e incorporavam outros espaços?

CP: Francamente, acho que em tudo. Sou filha de artista e cientista (meu pai Günther Pape era químico). Pesquisar, experimentar e arriscar sempre foi normal no nosso cotidiano:

Comidas: fazíamos pelo aroma, pela textura, pela intuição. Ela cozinhava muito bem (vatapás, feijoadas, cozidos etc.). Aprendi com ela essas receitas e o convívio com amigos em casa.

Cortávamos nossos cabelos: eu o dela e vice-versa.

Costurávamos (é, ela sabia costurar e bordar muitíssimo bem) nossas roupas colocando um vestido sobre um tecido dobrado em dois e o resto íamos ajeitando no corpo. Completamente experimental.

O jardim mudava sempre. Ela queria determinado clima, arrasava o que tinha antes e mudava as plantas. Foram bananeiras e figueiras enormes num pequeno jardim e depois gramado com um morro no centro.

Quando ainda jovem detestava o campo e eu adorava. Íamos para um sítio, ela dormia direto por 48 h e quando íamos embora, acordava. O campo era um não-lugar para ela. Depois, com a idade, passou a amar o campo, cachoeiras, enfim, foi assim para ela.

Suas proposições poéticas surgiam com os olhos fechados. Primeiro imaginava e depois procurava a forma de realizar. Acho que ela realizou tudo que quis nestes termos. Aprendi com ela a agarrar as oportunidades poéticas quando aparecem. Vejam o Divisor. Foi indo aos poucos a partir de um desejo e acabou incorporando a garotada da favela do final da nossa rua. Hoje é o Divisor.

RC: Este número da revista Concinnitas aborda a tríade Arte-Educação-Sedução. Recordando que alguns trabalhos de Lygia Pape trataram da sedução, o que você poderia comentar sobre essas relações?

CP: Arte /Educação /Sedução para ela não era questão. Nunca foi. Ela era sim, extremamente sedutora por sua inteligência, sagacidade, talento e beleza física. Sabia na pele que o mundo feminino era um inferno num lugar provinciano como o Brasil e tinha plena consciência do papel da mulher dentro das instituições e não gostava do que a cercava. Sedução existe na obra dela por causa dos anos 60/ 70 e o feminismo. Eat me e

outros tantos trabalhos. Sedução porque a ditadura militar era um alvo a ser provocado, enfrentado e denunciado. Mas entre educação, sedução e arte, tiremos a educação, ok?

Cristina Pape é artista e professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

1 Entrevista concedida por e-mail à Revista Concinnitas em Junho de 2016.